

Ano II—N.º 54
15 Agosto 1931
Preço 1 Esc.

reportagem

Semanário das grandes
reportagens



reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

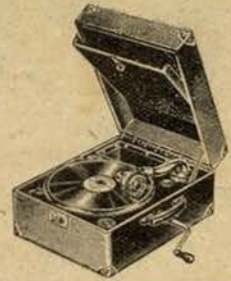
AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-
nolas, a ELECTRO-SONORA,
trabalha eléctricamente
ou por corda, motor
para 110 ou 220 "volts".

118—Rua de Cedofeita—120

PORTO

Obras completas do REPORTER X

A' venda em todas as livrarias

Verdade! Emoção! Deslumbramento!

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.

Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxilio de ninguem, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**.
E êles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

A B C

A revista portuguesa mais
antiga e de maior expansão

LEITURA INSTRUTIVA, AMENA
E VARIADA FOCANDO SEMPRE
OS ASSUNTOS MAIS PALPITAN-
TES E AS MAIS SENSACIONAIS
:—:—: REPORTAGENS :—:—:

Actualidades gráficas do país e do estrangeiro

HUMORISMO TEATRO CINEMA
MODAS DESPORTOS ETC.

24 páginas de texto e gravuras

Preço avulso 1\$50

Rua do Alecrim, 65—LISBOA

Homens & Factos do Dia

FRENTE A FRENTE

O grande público que nos lê, que tem seguido a rectidão inflexível das nossas atitudes jornalísticas e acreditado sempre na nossa incontestada sinceridade — banhado por aquela luz clara, quasi divina, que desce das almas generosas sobre a inteligência e o coração humanos — não poderá duvidar de que, de tantos artigos que em mais de uma dúzia de anos temos escrito, de tantos ataques e contra-ataques, de tantas polémicas e campanhas que têm brotado da nossa pena, nunca, como hoje, esta deixou sobre o papel traços tão vermelhos, tão doloridos, porque nunca ela mergulhou tanto como agora no nosso sangue, no nosso coração torturado.

Já Nietzsche recomendava que se escrevesse com o sangue, porque o sangue é espirito. Pois acreditai, leitores, que tendes sensibilidade, que o tinteiro onde o bico aguçado da nossa pena mergulha é o nosso coração pleno de angústia. Por isso cada frase é espirito, é alma em vibração, é carne ferida, é chaga aberta gotejando sangue! Habitados a escrever a Verdade, mesmo com risco da nossa vida, hoje, que essa Verdade representa mais do que a própria existência, porque é uma arma que nós colocamos nas mãos dos nossos inimigos, bradando-lhes: «Disparem!», não receamos proclamá-la, porque aquele que se deixa matar pela Verdade não morre sendo aparentemente para as inteligências mediocres e as almas insensíveis; ressuscita mais forte, e as suas palavras e os seus actos revestem-se de uma intensidade mais bela, de uma Verdade mais alta. A sinceridade e a moral de Jesus teriam passado sobre a terra como vento estéril ou inútil se a sua condenação e a



sua coragem ante o sacrificio da morte não as tivessem tornado imortais. O que valoriza e fortifica os lindos sonhos dos apóstolos é a dor, o martírio que eles sofrem em seu holocausto. E nós queremos hoje — nós que sempre pugnamos pela Verdade e pela Justiça — subir pela encosta íngreme do nosso calvário, para merecermos, como até aqui, o crédito das pessoas que nos lêem, a fé dos desamparados, dos desditosos, dos infelizes que se acolhem à sombra do nosso baluarte débil na esperança de verem triunfante a Justiça que lhes assiste.

A nossa dor, a nossa angústia cimentam, portanto, o nosso passado de luta contra o Crime e a Injustiça e dão-nos autoridade moral para prosseguirmos, de frente levantada e activa, nas nossas campanhas de moralidade. Aquelles que nos julgavam vergados ou feridos de morte, enganam-se; aqueles que especularam com a nossa dor calculando que nos tapavam a boca para sempre e nos vendavam os olhos, cegando-nos para a observação do que é condenável à face da Consciência, ficarão sabendo que a nossa pena continua em riste e, com a cumplicidade do nosso silêncio, não serão permitidas infâmias ou atentados contra o Bem. A dor não nos manietou, deu-nos maiores alento para a luta. E se até agora o nosso ardor e entusiasmo combativos não vacilavam, de hoje em diante os inimigos da sociedade, os patifes poderosos, encontrarão pela frente um adversário mais rijo, mais forte, mais apetrechado para o combate sem tréguas.

Este artigo, que vai firmado por um nome modesto, poderia ser escrito e assinado por outro mais glorioso e conhecido. Mas se o nome de Reinaldo Ferreira não aparece a assiná-lo não é porque elle não o sintia em cada palavra, em cada confissão, como nós, mas porque o coração humano tem melindres tão respeitáveis, tão sagrados, que sobrepujam a força luminosa da razão. Pelo Director deste jornal honrado, podemos nós falar de cabeça levantada, porque não sendo irmãos em sangue o somos em espirito — ligados desde os bancos de escola, desde aquela idade tenra em que as amizades se en-

paizam para sempre — é o espirito permite-se maiores liberdades que os laços de sangue não podem algarar.

Na passada terça-feira, à hora melancólica do entardecer, desceu sobre o grande acto do drama íntimo desta casa um pano de luto. Um homem que foi também um camarada de escola e que tinha — e tem! — na nossa alma um grande lugar de ternura e amizade ouviu da boca de um juiz, que julga — porque a sociedade manda — segundo a letra dos códigos e não conforme os ditames da generosidade, uma sentença condenatória. Mas o proprio julgador, comovido, sensibilizado ante as verdades de natureza moral e sentimental que nesse julgamento se proferiram, exclamou, num desabafo de alma: «O réu foi vítima da sua generosidade».

E assim foi, leitores. Há na vida circunstâncias tão diabólicamente combinadas que levem os homens à condenação pela excessiva generosidade com que procedem. Foi o caso desse velho amigo, hoje mais amigo pela sua infelicidade, mais apreciado por nós porque tudo sacrificou para salvar um parente, um ascendente seu. Esse amigo occupou dentro deste jornal, que sempre combateu o Crime, um lugar de grande destaque. E bem merecia esse lugar porque até a condenação agora soffria veio confirmar, por forma inuitável, que poucas pessoas como elle reuniam maiores dotes de rectidão e de carácter, de humana simpatia pelo sofrimento humano, de nata honradez que, pelo exagêro, pôde praticar paradoxalmente actos aparentemente ilícitos.

Imaginal, leitores — contamos agora uma história para dela arrancarmos uma moralidade absolutamente idêntica à do caso que nos afecta — imaginal que um filho extremoso sabe que seu pai cairá sob a alçada severa da lei se não indemnizar alguém que esse pai lesou em muitas dezenas de escudos. Esse filho tem dos deveres filiaes uma rigida noção. Entende que para salvação da honra do pai é bem merecido o sacrificio da honra de um filho. Não hesita. Desvia, com a intenção de repor à força de trabalho, da casa onde está empregado, a soma com que salva o pai. Cumpriu o dever de filho, mas a sociedade exige-lhe — fazendo tábua rasa da sua generosidade — responsabilidades severas. Pede-lhe contas, condena-o. E elle sofre por ter sido bom filho.

Transportai a moralidade deste exemplo que citamos para a existência honrada, laboriosa, norteada pela mais bela e cristã moral, do grande amigo desta casa e tereis, leitores, fielmente reproduzida a imagem do grande drama que há cinco meses se desenrolou no ámago do nosso jornal.

Este drama, tão íntimo, tão respeitável pela grandeza de sentimentos que o desencadearam, foi aproveitado por alguns dos nossos inimigos, por aqueles que seriam capazes de vender o pai a trêco de trinta dinheiros. Por meio de panfletos miseráveis e porcas gazetas de chantage, quiseram elles ferir na sua honorabilidade este jornal e o seu Director, como se estes tivessem alguma responsabilidade em actos que não praticaram e ignoravam totalmente, conforme se proclamou alto e bom som em plena audiência de terça-feira última.

As bocas fétidas da calúnia, que quiseram morder-nos com os seus dentes podres, espiando o boato de que o Reporter X se aproveitava de somas que não eram suas, trazidas illicitamente por um seu alto funcionário, deviam ter-se torcido de raiva no dia memorável em que a Justiça, em que a própria accusação proclamavam a absoluta isenção deste jornal e do seu Director. E o culpado — se culpado se pode classificar um homem que se perde para redimir, que se sacrifica para salvar alguém que, em sua consciência, valia mais do que a honra — está tão acima dos seus detractores, patra em região de moralidade tão elevada que os próprios santos, aqueles que aspiram a ganhar a ventura celeste pelo martírio, invejariam o seu lugar.

Frases proferidas na audiência do 7.^o Juízo, no Tribunal da Boa-Hora:

O accusador particular:

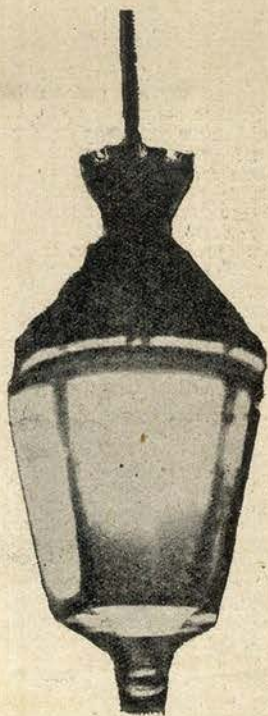
O "Reporter X" nada tem que ver, e ignorava mesmo, o delicto de que o réu é acusado.

O doutor juiz presidente:

O réu foi vítima da sua generosidade.

Perdeu-se por ser demasiado bom filho.

(Conclue na pag. 11)



BAIRROS do crime, do mistério e

N.º 1-0 "Whitechapel", de Londres

Os preparativos do "raid" — Recordações literárias — Sherlock Holmes e Jack, o Estripador — A cena de pugilato do "bar" de Wors Square — O velho misterioso — O mercado nocturno dos pequenos ladrões — As colunas ôcas — O banquete no lixo.

NÃO é a primeira vez que o «Reporter X» realiza reportagens sobre bairros. E' que existem bairros que oferecem, no segrêdo dos seus bastidores, na história do seu passado, na intimidade da sua alma, muito mais interesse do que certas cidades. Publicámos os «Dramas das Avenidas» — boudoirs que são autênticas obras inéditas de Balzac, encadernadas em luxuoso estilo modernista; publicámos a topografia galante do Conde Redondo, com as novelas das suas garçonnières, com o folhetim das suas mundanas; publicámos, graças à viva mocidade jornalística de Américo Faria, «Entre os «Rufias» de Lisboa», por onde se desbobinaram, como cenário de Chatelet, os fundos sombrios da Alfama, da Mouraria, de Alcântara.

Se as Avenidas — a Avenida da Liberdade, de Lisboa; a da Boa Vista, no Porto; a Castellana, de Madrid; os Campos Eliseos e a Etoile, de Paris; a Kurfurstadam, de Berlín; Regent Street, de Londres; Vie-Piemonte, de Roma; a 5.ª Avenida, de New-York e Avenida Rio Branco, do Rio, cofres-fortes de dramas elegantes, guarda-joias de amores estilizados — oferecem ao reporter assuntos inesgotáveis, num music-hall de feéries, os outros, os bairros desherdados e os velhos bairros que a sociedade abandonou aos párias, aos miseráveis, aos perseguidos da justiça e do Destino, não são menos emocionantes nem menos enjoitados — visto que não lhes faltam as pérolas da Dôr, que são as lágrimas, nem os diamantes do Crime, que são as gotas de sangue das suas tragédias. O «Reporter X» começa hoje o desfile desses bairros — «Bairros do mistério, do crime e da miséria» —, evocando, para símbolo de cada um deles, a recordação de algumas horas que neles viveu o seu autor.

WHITECHAPEL, A METRÓPOLE DA MISÉRIA

Londres, 15 de Novembro de 1930. — O «taxi», uma dessas gigantesca e vetustas seges mecanizadas que a grande capital usa ainda, levou exactamente 23 minutos do início de Strand ao término de Commercial Street. Pouco e precisamente à medida que a minha impaciência se intensificava, o *chauffeur*, que romperá a marcha

numa velocidade razoável, fôra abandonando os seus impetos até findar num quasi *au ralenti*... Era a terceira vez que vinha a Londres — e nas duas primeiras a minha missão jornalística impedira-me de empreender este *raid* tão sonhado... E desta estadia — era esta a segunda tentativa. A primeira fracassara porque o meu companheiro, que se emocionara ao propôr-lhe uma passeata nocturna por Whitechapel, se enervára a tal extremo quando dávamos os primeiros passos pelas vielas preambulares do tão... mal afamado bairro londrino; se asfixiara por tal fôrma na penumbra — em contraste com a orgia eléctrica das grandes artérias recém-abandonadas; folhetinizara com tão fantástica sugestão de recordações literárias os portais das primeiras baiúcas e dos primeiros chineses e tipos suspeitos com quem se cruzára, me exigira uma reviravolta imediata: «Nada! Não vim a Londres para apanhar um tiro ou para ser operado da apendicite sem anestesia local!» Resignei-me à deserção e aguardei nova oportunidade. Mas neste novo *raid* os atritos antepuseram-se-me logo na descolagem. Os *chauffeurs* que eu interrogára — ou declaravam ignorar onde ficava Whitechapel, ou se me negavam terminantemente (e com um mau olhar suspeito e agourento) a levar-me lá! Aquêle que cedera sem ocultar certa relutância, ao alcançar a rotunda de Commercial Street — uma das ruas mais plebeias de Londres-operária, embora larga, longa e bem marginada de lojas, espécie de caricatura das grandes artérias centrais — travou o carro e, com um sorriso humilde, declarou-me que não ia mais além... Paguei-lhe e despedi-o.

Confesso que me sentia bafejado por uma dessas alegres comoções infantis que nos oferecem a satisfação de um apetite julgado impossível e longos anos ante-goçado! Era um misto de nervosismo, de emoção, de ansiedade e de ópio! Whitechapel! O que este nome evocava... Toda a minha literatura escolar se desenrolára em Whitechapel! Sherlock Holmes, quantas vezes não percorrera aquele dedalo de ruas estranguladas e sombrias, não percorrerá as ruínas íngremes que desembocam no Tamisa, não caíra nas ciladas dos bandidos que êle perseguia e que aterrorizavam Londres, não chefiara brigadas policiais contra quadrilhas tenebrosas?! Que de mistérios, alcapões, ângulos sinistros, subterrâneos teatrais, túneis e crimes não transbor-

davam daquele bairro! Mais tarde, Wells, no seu *ju-livernismo* ultra-moderno, Pimperton, na sua pretensão de imitar Zola, Edgard Wallace e outros romancistas estilizaram-me as primeiras visões formadas na infância; mas por isso mesmo a ânsia emocionada de conhecer Whitechapel se dilatára mais ainda. Estar em Londres e não visitar Whitechapel, o Whitechapel das «seitas amarelas», de Jack, o Estripador, do dr. John Sira, o homem dos cem crimes, de Sarah Turler, a rainha dos *pickpockets*, do velho Jacob Mac Lewis, o Edson do crime, era o mesmo que ir a Roma e não vêr o Papa, que percorrer Pisa e não admirar a torre inclinada, que ir a Paris e não embasbacar ante a Torre Eiffel...

Não trocava essa minha primeira noite do Whitechapel pela mais feérica revista do *Moulin Rouge!* E tanto assim que lá voltei três vezes. E estou vivo, graças a Deus! Com o que vi e ouvi — fazia um volume! Nem um artigo posso fazer. Limitar-me-ei a um prólogo...

Comecei o *raid*, logo que abandonei o «taxi», cortando por uma rua aberta à esquerda da Commercial Street. A embocadura e a própria rua até ao primeiro ângulo não se distinguem de qualquer outra de um bairro pobre de Londres. Mas mal se dobre esse ângulo — a metamorfose dá-se, brusca, rápida, impressionante. A rua torna-se em funil — um funil que termina num arco ovalado com espaço para um só transeunte. Grupos pelos passeios estreitíssimos — tipos de boné e *cache-col*; mulheres sem chapéu, flores no cabelo e fatos garridos. Mas se o visitante observar os portais que marginam a rua, nota que todos êles estão pintados de negro, e que sobre o negro rabisaram caracteres chineses. Não é ainda o China-Town — pois por qualquer ponto que se invada Whitechapel encontram-se apenas, numa extensão de muitos metros, *restaurants, bars, lojacas* de chineses... Os chineses são como que os porteiros do bairro...

Até ao túnel — os candieiros derramam uma claridade bastante generosa e sucedem-se com frequência; mas mal se atinge a zona proibida — as trevas coagulam-se, apenas picadas, aqui e além, por uma luz mortíca que não se sabe se é pública ou reflexo de algum estabelecimento, se provém de uma lâmpada eléctrica, de meia vela, se dum candieiro de petróleo... A rua que sucede é íngreme e cai, em espiral, numa pequena praça. Os grupos desapareceram. Os raros transeuntes com quem me cruza, caminham rapidamente, curvados, embaçados. A praça onde desemboca, recorda Alfama. As casas que a cercam são esguias, recordam esqueletos, e as janelas orbitas de caveira. Nem um só sinal de habitantes. Cinco *policemen* gigantescos rondam a praça em passos cautelosos. Foi os últimos que vi. Raramente e a não ser em noites de rusga (e estas só vão até Jockey Street) a Policia passa além. Na esquina da rua por onde agora me vou perder, assassinaram, num só mês, quatro patrulhas. Chamam-lhe em calão londrino «O matadouro dos «cheeser». «Cheeser» é, em mo o «flic» parisiense, a alcunha dos policia.

Jockey Street tem a forma duma seta. E sombria. Pior: não tem outra luz do que a que transborda



Uma rusga nas ruas exteriores de Montmartre

de uma taberna chinesa que existe a meio. Encosto-me à parede para me guiar. Caminho durante uns minutos. Um novo túnel a formar o bico da seta. Nova praça — e aqui o cenário muda por completo. O cenário e o ambiente. E' como se tivesse tirado súbitamente algodão dos ouvidos; é como se me tivesse libertado de uns óculos negros. Aqui há luz, há ruído. O que não há é candieiros. Conto as portas iluminadas: são doze. Cada uma corresponde a um *bar*. De todos eles vem o ritmo metálico duma pianola ou a voz fanhosa dum velho fonógrafo. Hesito! Decido-me! Escolho aquele que se me afigura... mais civilizado. Entro. Uma casa rectangular, densa de fumo. Havia espaço para vinte pessoas, mas viam-se mais de cem... de ambos os sexos. São tantos e tão distraídos que quasi que não dão por mim — felizmente! Um creado, em mangas de camisa..., atira-me para uma mesa onde já estão sete indivíduos — gémeos na péssima aparência. Sinto-me corar sob os olhares de pasmo com que me fuzilam. Becejo e esforço-me por aparentar um grande à vontade! Consigo-o? Não sei; mas eles regressam às suas palestras cochichadas — de conspiradores que temem os espias. Peço um *gin*. Em todos os capítulos de romance que se desenrolam em Whitechapel, os frequentadores do bairro bebem *gin*. Julguei que assim me integrava melhor no ambiente! Repito três vezes a encomenda, julgando fazer-me compreender. Seria da pronúncia ou teriam os romancistas mentido? O creado traz-me... um café com leite!

Ao sentir-me fóra da vigilância daquela gente — começo eu a vigiá-la... Acabam de entrar no *bar* três indivíduos: dois rapazes e uma mulher. Ela vem pálida, narinas dilatadas, os olhos esgaseados. E' bela — duma beleza abafada em canalhice. Os seus companheiros entreolham-se — numa expressão de ódio. Dão volta ao mostrador e conferenciam com o *barman* — um gigante que exhibe, de mangas arregaçadas, braços musculosos e tatuados. Um deles encosta-se demasiado a uma porta estreita do fundo — e desaparece por ela como uma estampa dum livro que nós fechássemos de repente. O casal que fica começa a questionar. Ao principio — ninguém se alarma. Mas o seu berreiro suplantava o da pianola. O desaparecido reaparece e intervém na discussão, que não tarda em degenerar em desordem. Toda aquela gente abandona os seus lugares e põe cerco aos desordeiros com o entusiasmo alegre de quem assiste a um *match* de box... Súbito, um silêncio, e no silêncio um gemido doloroso. Movimento... Os creados espreitam a praça, meio assustados — e dão sinal para o interior. O grupo que muralha a cena abre uma brecha e por essa brecha sai, nos braços do *barman*, um dos rapazes. Dir-se-ia que perdeu os sentidos. O rosto está empastado de sangue. Era fácil de visionar o que se passara. Os dois *apaches* londrinos tinham-se batido pela sua Julieta — e um deles ficara vencido. Mas eis que, logo a seguir, nos braços de um creado surge o segundo, em pior estado ainda... O grupo que se amassara ao fundo desfaz-se e fica especada, no meio do *bar*, de braços em ânfora, numa atitude de desafio, ela, a Julieta-*apoche*... Fóra ela quem espantara os dois...

Eis a única nota cómica dessa noite de Whitechapel... As outras — não são de molde a inspirar sequer um sorriso...

Aquele velho veio abancar à minha mesa positivamente. As linhas do seu rosto magro, o esforço paradoxalmente natural com que mantinha uma atitude activa; a quasi elegância que o seu corpo descarnado emprestava ao traje de adelo que envergava — denunciavam um abismo entre ele e a multidão suspeita que enchia o *bar*. Havia muito que me sentia vigiado pelo seu olhar húmido e pisco; e logo que houve uma vaga a meu lado — ele, que desprezara os melhores lugares oferecidos pelos creados violentos, veio, à pressa, sentar-se e procurar um pretexto para me falar. Alcançado esse pretexto, perguntou-me em alemão, em holandês e em italiano se eu era estrangeiro. Acabei por dizer-lhe que era português. «Hablo un poquito de español, pero...» Resolve-

mos falar em francês. Quis saber se habitava o bairro e se vivia há muito em Londres. Irradiava tal simpatia e confiança que ao contrário das cautelas novelescas que eu premeditara, disposto a mentir para que me confundissem, não hesitei em dizer-lhe a verdade — até sobre a minha profissão e a causa porque me encontrava naquele bairro. «E! pena só o ter conhecido hoje... — disse-me. — Já é tarde (não me refiro às horas mas sim... à data) (?), porque do contrário podia servir-lhe de *cicerone*. Levava-o até aos recantos mais ignorados de Whitechapel; mostrava-lhe misérias como nunca o senhor supôs existissem sobre a terra. Sabe há quantos anos vivo em Whitechapel? Há 35! E nunca mais sai daqui. Esta praça, Worsw Square, é o extremo dos meus passeios. Em tantos anos, só uma noite, por necessidade, espreitei — espreitei, apenas, Commercial Street!» E mudando rapidamente de assunto indagou: «Veio por Paris? Que tal a vida agora em França? Os teatros? Que autor se lê mais? Que saúdaes do tempo que eu viajava — do tempo em que eu passava as noites em Montmartre e possuía uma *garçonnière* na «Etoile!» Palpitava na sua ânsia de comunicação uma volúpia evidente pelas conversas mundanas, uma curiosidade impaciente pelas questões elevadas, pelas novidades intelectuais e artísticas. Dir-se-ia um velho *lord* inválido, satidoso de uma mocidade exuberante, cosmopolita e luxuosa! O mais notável era a sua popularidade entre aquela escória de Whitechapel e o respeito quasi medroso que os canalhas mais provocantes exibiam na sua presença. De tempos a tempos abria-se a porta, um rosto de *voyou* surgia, circunvagando o olhar pela sala; e, ao vê-lo, acercava-se-lhe, desbarretando-se, pedia licença, curvava-se e cochichava-lhe algo ao ouvido. O velho escutava-o distraído, respondia-lhe com monossílabos ou apenas com um movimento de cabeça — e eles partiam de novo, após o mesmo protocolo. Alguns desembolsavam com disfarce pequenos embrulhos que ele guardava nos verdadeiros poços que eram as algibeiras do seu sobretudo... Várias vezes repetiu que lamentava ter-me encontrado tão tarde. Quando eu lhe mostrei um jornal da noite que comprara antes de tomar o «taxi», esgaseou os olhos numa tal sofreguidão de leitura que lho quis oferecer. «Não! Não! Para quê? Há 35 anos que não leio jornais! Não vou hoje mudar de hábitos!» Notei também que o seu olhar se fixara sobre a data: 14 de Novembro de 1930! «Antes não tivesse lido!» — murmurou, mais para ele só do



Um aspecto de «China Town» — o bairro chinês

que para mim. — Antes não o tivesse lido. Escusava de saber que amanhã é 15 de Novembro... que amanhã faz 36 anos que vim para Whitechapel. Vamo-nos? Poucas horas me restam para lhe oferecer — mas essas são suas... Vamo-nos! Que pena tê-lo conhecido tão tarde!»

Do que vi ciceronado por este velho, já vos contarei com detalhes. Quero apenas agora recordar dois espectáculos. Um deles foi a dez minutos de distância de Worsw Square — uma outra praça onde a solidão do bairro se transformara numa animação de grande centro. Havia, no meio do *square*, um longo estendal de bancas e barracas

(Continua na pag. 12)

da miséria



A feira dos «pequenos ladrões», em Whitechapel



Um Cristo redentor e o seu autor, o sr. Brayovitch

A tragédia de Montenegro

Uma entrevista sensacional com o célebre escultor montenegrino Yanko Brayovitch, que percorre o mundo como artista e como patriota.

patriotas que não se resignam — croatas, macedônios, montenegrinos, de todos esses países que foram jungidos pela violência à ambição imperialista da Sérvia e que lutam pela liberdade ou que, pelo menos, sonham com a liberdade —, porque basta não cortejar os tiranos para se tornarem suspeitos... Mais de 15.000 homens agonizam nesses presídios, sem julgamento, sem interrogatório — e a grande maioria há mais de 10 anos! Percorre-se Belgrado, a capital da Sérvia, e entristece ver uma cidade como aquela quase deserta, sob a pressão do terror contínuo: gendarmes por toda a parte, agentes secretos em todas as esquinas, ruas sem luz, «cafés» desertos, e quando algum rosto nos espreita está crispado pelo medo ou pela dor...

«Fui um preso... privilegiado. Não me torturaram fisicamente — o que é motivo para lhes estar grato! Mas não podia dormir... Noite e dia reboavam os gritos que os carrascos arrancavam aos outros — na ânsia de confissões fantásticas ou no prazer morbido do ódio! E quando, dois anos depois, me libertaram e me vi nos cristais da primeira montra — não me reconhecia. Pesava menos 15 quilos! Parecia um tuberculoso! Mas que me importa os sofrimentos da carne quando os comparo aos da alma?»

Yanko Brayovitch calou-se. Não é alto — mas forte, espadado, um montanhês a quem a aristoc-



«Cépticismo» — admirável obra de Brayovitch

«... A última vez que estive preso foi em 1924... Disse última vez porque... não foi a primeira. Desde que escamotearam a minha pátria; desde que atiraram o nosso povo pela janela da traição — dispersando-o pelo mundo como quem assopra a cinza dum cigarro desplumada sobre o colete; desde a espantosa injustiça em que as potências se deixaram burlar pela cubilha ardilosa e imperialista da Sérvia — que não sosseguei um só momento. E' como quem sabe que a mãe, a velhinha doce do amor máximo, vive sequestrada, maltratada, escravizada, sem outra esperança do que a do amor viril do filho que ronda, com desesperada e nobre cólera, os muros do sequestro. A última vez que estive preso aproximaram-me, demasiado, dos domínios do tirano... Encontrava-me numa zona quasi neutra... Realizei uma conferência para contar àquela gente o que era o martírio da minha pátria. A meio da conferência as autoridades sérvias invadiram a sala, prenderam-me, levaram-me para junto dum general que me interrogou: — «Qual é a sua nacionalidade?» — «Montenegrina» — respondi. E o outro afirmou: «Montenegro já não existe... Quer dizer que é yugo-eslavo ou seja sérvio!» — Não! — protestei. — «Sou montenegrino!» — «Mas isso é uma loucura — ser cidadão dum país que se extinguiu, ser súbdito dum rei que morreu, ser mártir dum causa vencida! Se amanhã, nas suas viagens, quiser um passaporte — a quem o vai pedir?» — «A todos os consulados, menos aos sérvios, aos do país que roubou a minha pátria!» — «E a que nacionalidade declara pertencer?» — «Montenegrina!» — «Mas todos os cônsules lhe dirão como eu que Montenegro não existe — e nesse caso que dirá você?» — «Que sou montenegrino!» Esta minha teima, que não era capricho, que não significava literatura, mas que reflectia sincera e nitidamente o meu convencimento, desesperou o meu captor. Parti essa noite, entre gendarmes, para Belgrado. Perguntaram-me, com ironia mas dispostos a cumprir a sua promessa, se eu queria passar por Montenegro. «Não!» — afirmei. — «Não voltarei à minha pátria antes de se quebrarem as algemas que a torturam. Seria demasiado cruel para ela... e para mim. A saudade queima-me a alma, põe brazas nas minhas veias, mas não quero lá voltar e vê-la escrava de tiranos — eu que nasci e cresci sob o sol doirado da sua independência, da sua liberdade, da sua bravura indomita e admirável! Bolsaram-me — bolsar é o termo — numa das valas comuns de vivos que são as 12 cadeias para

cracia da classe e do espírito não atrofiam a robustez tradicional da raça. Impressiona sobretudo pela cabeça — uma cabeça romântica sem exagero, guedelha anelada, bigode americano, uma pequena môska de quadro a óleo do século XIX... Terá 40 anos... E' montenegrino — dessa pátria de guerreiros românticos, de patriotas invencíveis, de mártires sem resignação possível. Conquistada a independência há séculos, Montenegro foi o único país balcânico que nunca perdeu a liberdade. Lutou sempre, numa batalha ininterrupta, contra os turcos e contra os austríacos — até que uns e outros, pasmados da bravura do pigmeu, se renderam, com admiração. Era um povo feliz... Yanko Brayovitch, escultor de uma individualidade forte e inconfundível, artista que oferece ao mármore uma inspiração musical fortalecida por um cérebro cheio de nobreza, autor de obras geniais que têm provocado celeuma nos grandes centros intelectuais da Europa e da América, veio-me recomendado por dois grandes amigos meus de Londres — o Dr. Rampagni, médico italiano, um fanático da justiça e um apaixonado defensor da causa montenegrina, e John Ciubranovitch, outro exilado e mártir da pátria escravizada.

— Se soubesse como nós éramos felizes, em Montenegro... — prossegue Yanko Brayovitch, com o seu sorriso, reflexo de uma melancolia que as duras experiências da vida tornaram céptica. — O povo, os intelectuais e o rei viviam como uma grande família. Não havia crimes nem ladrões nem maus filhos nem maus pais... A família real — o bom Rei Nicolas, poeta, dramaturgo, dos que passam à eternidade pelo valor das suas obras —, depois de regar, é próprio, as flores, sentava-se, ao entardecer, no jardim que rodeia o seu pequeno palacete de Cettigne, acompanhado pela esposa e pelas princesas — uma delas é hoje a rainha de Itália! Os camponeses passavam junto ao gradeamento e saúdavam-no como a um patriarca; e o rei falava-lhes, interrogava-os, ria-se e fazia-os rir... Entretanto desencadeia-se a Grande Guerra... Ninguém pensa em atacar Montenegro; mas Montenegro é que, por romântica nobreza, não quer ficar de braços cruzados ante o assalto que a Austria prepara à Sérvia. O Rei Nicolas escreve ao Rei Pedro dizendo-lhe que «ontem como hoje os montenegrinos estavam sempre nos seus postos de honra em defesa dos seus irmãos balcânicos.» O que era o nosso exército comparado com o cilin-



Brayovitch ladeado pelos Director e Chefe da Redacção do «Reporter X»

(Continua na pag. 11)

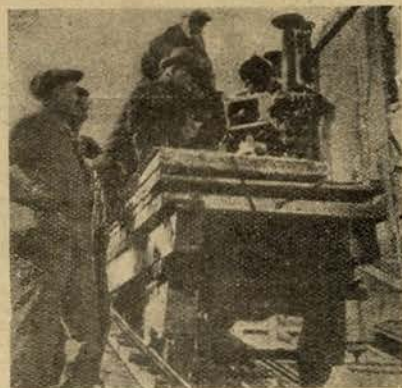
F I T A S . . .

Como se faziam os filmes em 1912

OS SEGREDOS DA «NORDISK», DA «CINES», ETC.—OS ORDENADOS—A PRANCHA DE «SOBRE OS TELHADOS DE PARIS».

N A ERA inicial do cinema não havia, quasi, problemas na filmagem; a própria organização das grandes empresas roçava por uma simplicidade elemental. Recordemos... e recordando viveremos nesta hora dos prodígios inverosímeis e constantes que nós contemplamos saboreadamente refastelados nos palcos do écran —no Tivoli, no S. Luiz ou no Águia de Ouro — as emoções da nossa mocidade, quando nos salões ingénios da Trindade, do Chiado Terrace, do Olimpia primitivos, delirávamos ante as lentas evoluções do cinema primitivo. Recordemos as marcas «Pathé», «Gaumont», «Eclair», «Eclipse», de Paris; a «Cines», a «Tiber», de Roma; a «Milan», de Milão; a «Itala», a «Torino», a «Pasquali», a «Ambrosio», de Turim; a «Herpwoth», a «London», de Londres; a «Nordisk», a «Dansk», a «Kopenaghe», de Copenhague; a «Jupiter», a «National», de Berlim; a própria «Vitagraph», que foi a primeira marca a sério dos

Estados Unidos — sem citar dezenas de outras que se multiplicaram na Europa e que se arrastavam na América até que a Grande Guerra trocou de continentes a soberania da arte ex-silenciosa. Como funcionavam essas empresas? Edificados os «studios», os pavilhões para cenógrafos e camarins, contratavam-se os *metteurs-en-scène*. A «Gaumont», na época em que produzia 6 filmes semanais, tinha 18, chefiados pelo *metteur* Teuillade; a «Nordisk», na sua máxima actividade, dispunha de 12; e a «Vitagraph» 32 — entre as quais «nasceram», pode dizer-se, De Mille e Griffith. A «Cines» de Roma, que foi de todas as citadas a mais industrial e metódica, organizou em 1912 um elenco de 77 artistas — 37 mulheres e 40 homens. A «Nordisk» contava com 85 artistas permanentes em 1914 — assim categorizados: 1.^{as} *vedettes*, 5 (entre as quais Psylander e Charlotte Wicht); 2.^{as} *vedettes*, 12; 1.^{os} *artistas*, 18; 2.^{os} *artistas*, 20; artistas auxiliares, 30. Tomando o organismo da «Nordisk» como modelo podemos descrever desta forma o funcionamento de uma empresa produtora de filmes de *avant-guerre*. Havia um *comité* de literatos encarregado de ler e seleccionar os argumentos semanais (um film dramático *grande*; um film de comédia, *grande*; um film cómico, *pequeno*; e um film documentário, *pequeno*). Os argumentos eram realizados pelos redactores da casa e pelos colaboradores que os enviavam. Os colaboradores dividiam-se em dois generos: os *conhecidos* e os *expontâneos*. Os redactores ganhavam, em *corças* dinar, quantias, uma média de 120 a 150.000 réis (ao câmbio de ocasião); os colaboradores, de 50 a 250.000 réis... o que, na época, representava um dinheirão! Seleccionados os argumentos, estes passavam a *secção* de preparativos, na qual eram escolhidos para cada assunto o *metteur-en-scène* e os principais artistas, tendo em conta a época da filmagem para que esta estivesse de acordo com o remate dos filmes em execução, visto que, na «Nordisk» como nas outras empresas, trabalhando-se das 8 horas da manhã até às 7 da tarde, realizadores e artistas dispunham ainda de tempo para se irem preparando para os filmes seguintes, reinindo-se, conferenciando, estudando os *decors* dos *stocks* a aplicar e o que era necessário fazer de novo, preparando o guarda-roupa, etc.. Artistas e realizadores, a meio de cada filme começavam a preparar-se para o próximo e apenas tinham um dois dias de intervalo, para repousar. Combinados os exteriores e interiores, os móveis, o guarda-roupa, etc., iniciava-se a realização do novo filme. Os primeiros artistas só interpretavam os papéis de uma película, de cada vez; mas os outros trabalhavam em vários ao mesmo tempo. Todas as tardes afixavam-se as tabelas de serviço do dia seguinte — para os artistas não *vedettes*. Na nossa colecção de recordações cinematográficas possuímos várias dessas tabelas e sendo uma precisamente da casa «Nordisk». Vamos reproduzir textualmente um trecho do seu conteúdo: «Serviço dos artistas para o dia 6 de Janeiro de 1912—*Interiores*—Sr. artista n.º 33 Karl Swesting: às 8 horas da manhã, no *studio* 2.º, *plateau* 7; filme «A última libra»; *Metteur-en-scène*: Rodolph Weber; papel de 3.º *polceman* inglês (seguinte do trabalho iniciado no dia 3 deste mês); meia idade; peça no G. R. o uniforme do *tiquet* 437; maquilhagem: a mesma do dia 3 (nalguns



A «waggonette» de «Sobre os telhados de Paris»

ofereciam, em folha à parte, indicações detalhadas e até desenhos para que os artistas se maquilhassem de acordo com a ideia do realizador). Às 2 horas da tarde, no *fumoir* do artista para acompanhar a *troupe* numa saída pela cidade; filme «O Rei do Trigo»; *Metteur-en-scène*: Artur Rampi; papel de transeunte; traje de passeio: burguês; maquilhagem simples.»

Os artistas não *vedettes* não só faziam pequenos papéis, vulgo rúbulas — carteiros, creados, policias, etc. —, como se misturavam com as massas de figurantes, para as animar, as dirigir ou simplesmente para fazer número. O actor Trévillé, que vimos há pouco tempo no «Moulin Rouge» de Dupont, contou-nos que, nessa época, trabalhando na «Eclair» de Paris tinha semanas de fazer 7 e 8 rúbulas diferentes em vários filmes, nos intervalos de fazer grandes papéis. «Estava eu interpretando o famoso Jean Roubelle, no filme «Zigomar» — e tive por duas vezes de fregolizar-me rapidamente em *fakir* para concluir a rúbula dum outro filme — «O Templo de Xefiro» — que eu iniciara antes de começar aquele drama e que, demorando a realização, não podia dispensar o meu trabalho...»

Para fazer os exteriores usava-se um processo muito económico e muito diferente dos praticados actualmente. Cada *metteur* combinava, por época (três meses), seis a sete filmes. Procurava que nesses filmes entrassem sempre os mesmos artistas e tivessem sena exteriores semelhantes. Realizava todos os interiores, nos «studios», a seguir — deixando os exteriores para depois. Terminados aqueles reinia o elenco e partia com a *troupe* para filmar os exteriores conjuntamente. Assim as despesas das viagens saíam muito mais económicas, entre outras razões porque eram divididas por 6 a 7 filmes. Um filme levava, em média, 12 a 15 dias a realizar os interiores e 5, o máximo, a realizar os exteriores. O processo de filmagem era muito diferente do de hoje. Não havia preocupações de planos, nem de ângulos. O operador fixava a máquina para focar o conjunto — e as cenas faziam-se inteiras, sem cortes, o que, simplificando o trabalho, era dum técnica sem dificuldades nem surpresas. E além disso tornava os filmes baratissimos. Basta dizer que um bom *metteur-en-scène* ganhava 5.000 francos. Uma estrela — Bertini, por exemplo — custava 7.000 liras, e era já considerado um ganho fabuloso...

... Que diferença, hoje em dia! Não falamos já da técnica do *sonoro* — que modificou em absoluto toda a técnica do cinema! Hoje, uma cena que outro ora era feita dum *tirão* leva vinte e trinta cortes e preparativos diferentes; e cada um exige

(Continua na pag. 13)



Um aspecto do cenário de «Sobre os telhados de Paris».

e como se fazem hoje

POR muito metódica que seja a organização de um jornal como o nosso — dificilmente se pôde exercer uma vigilância total, directa e perfeita sobre todo o enxame epistolar que tomba, a diário, sobre nós. Para seleccionar entre as cartas-cinza, as cartas-oxigénio, as cartas fantasiosas, infantis ou delirantes as que, realmente, nos oferecem filões de assuntos preciosos sem outro material de análise do que a fisionomia do envelope, a expressão caligráfica, a epiderme do papel, as iras da estampilhagem — seria necessário o poder profético dos *faktres*. Há poucos dias, procurando nós ceifar da nossa secretária o alto joio da papelada inútil que sobre ela cresce continuamente — pulou-nos para as mãos uma carta-virgem que nos alvorçou como um palpito. Dizia assim: *Meu caro X — Recordas-te do «affaire» relativo ao «segrêdo da estátua de D. José? Eu, pelo menos, não me esqueci do que suei ao acompanhar-te nesta luta contra as trevas. Vistona a minha emoção ao saber que se encontrava em Lisboa, de regresso do Brasil, o sr. Mário Keller, descendente daquele Baltazar Keller, pessoa da confiança de Pombal, que tanto discutimos, e que possuía ainda os documentos que tanto cubicamos para podermos decifrar o enigma. Continuo aqui, na Nazaré, em férias forçadas; e como não posso afastar-me, envio-lhe esta carta para que ele se te apresente e te exhiba a sua papelada histórica. Depois me contardás o que viste. Atende, pois, o portador, o meu amigo sr. Keller, e não percas muito tempo em recebê-lo, visto que pensa demorar-se pouco tempo al. E' do teu máximo interesse jornalístico. Teu velho, etc. — Luiz Rosado de Magalhães.*

Lemos esta carta, numa crescente emoção — como se no-la acabassem de entregar! Recordámos, sim, a ansiosa batalha que traváramos contra a muralha chinesa daquele mistério pombalino e a mágoa com que tínhamos abdicado ante a força poderosa do indecifrável! Mas eis que a verdade vinha, pelo seu pé, oferecer-se-nos, rendida e sem luta! Finalmente! O segrêdo da estátua de D. José — essa maravilha pombalina que chancela, com a mais alva beleza plástica, a paisagem lisboeta — fa ser revelado!

UM TESOURO NO LIXO

Há anos, estando nós de passagem em Paris, cirandámos pelo cais da margem esquerda do



O enigmático gráfico publicado pelo Abade Pierre St. Juste e a sobreposição das fotografias a que nos referimos

O SEGRÊDO

Sena, onde, numa extensão quilométrica, acampam os mais excêntricos *bric à-braquistas*, alfarrabistas e ferro-velhos da Terra, num estendal pitoresco dos mais extravagantes artigos. Algumas dessas barracas agoniam como um monturo; mas é precisamente nessas barracas que se encontram, como num milagre, objectos preciosos — quasi dados... Vasculhámos num cesto onde se amalgamavam estampas do século XVIII e folhas soltas de velhos livros, iluminuras enodoadas de gordura e manuscritos valiosos, lixo de vazadura e tesouros de biblioteca. Súbito desabrochou entre os nossos dedos um volume descolado, amarelado, descarnado da brochura... Ao folheá-lo, picou-nos logo de curiosidade uma gravura de madeira reproduzindo a estátua de D. José I, em Lisboa. Interessou-nos logo conhecer título, autor e data: «*Les Mystères des Villes*» — *Souvenirs de voyages par l'Abbé Pierre de St. Juste — Paris-1776* — ou seja três anos após a inauguração solene do monumento. Adquirimo-lo sem regatear e corremos sófregamente a fechar-nos com ele no nosso quarto de hotel — como um galá que rapta a donzela amada e que teme que a arranquem dos seus braços antes que esses braços a enlacen por completo, no momento supremo da posse...

O Abade Pierre St. Juste não era um nome inédito. Camilo, se não nos equivocamos, refere-se a ele numa das suas «Noites de Insónias», retratando-o como um temível bisbilhoteiro dos mistérios, intrigas e crimes das cortes europeias, tendo pago a sua curiosidade com a dureza do cárcere em Madrid, em Berlim e mesmo em Paris — onde se salvou graças ao favoritismo de uma das beldades do harem real. *Les Mystères des Villes* é um rosário de bisbilhotices — uma das quais desvenda certo segrêdo íntimo de Voltaire que, a ter-se popularizado, teria produzido uma metamorfose total na opinião estabelecida a propósito do autor e da obra do «Candide». Durante sete capítulos procurámos ansiosamente a razão daquela gravura... Só o oitavo sossegou a nossa impaciência. O título dizia assim: *Um rei de bronze e um artista de ouro*, e estava dedicado ao mistério pombalino.

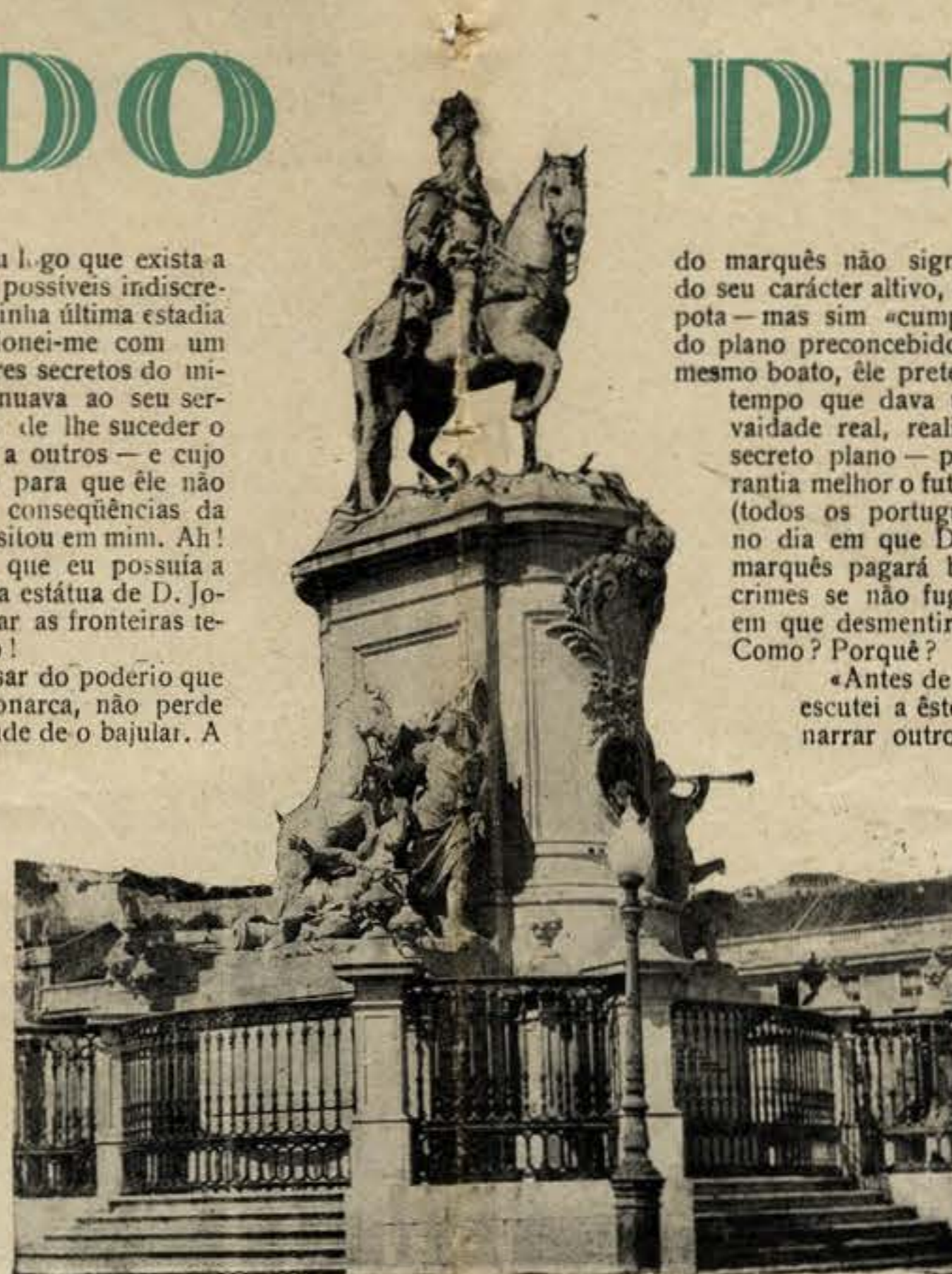
BALTAZAR KELLER, O FAVORITO

Depois duma pitoresca descrição de Lisboa após o terramoto e da crónica de todas as tragédias políticas do reinado de D. José — Pierre de St. Juste acusa o soberano de ser da mesma fôrça do seu primeiro ministro e afirma que ambos premeditavam os mesmos crimes, combinando-os de acôrdo — a começar pela chacina dos Távoras e Aveiro. «Se um dia — escreve St. Juste — se esclarecerem todos os mistérios sangrentos deste reinado, um é outro (D. José e Pombal) irão parar ao Inferno da História assim como as suas almas estão destinadas ao Inferno de... Belzebuth. Têm-se defendido habilmente, usando de muitas cautelas, por vezes tenebrosas, em todos os seus actos, limitando ao mínimo o número dos seus cúmplices e liquidando-os, mal estes deixam

de ser-lhes úteis ou logo que exista a menor suspeita de possíveis indiscreções. Durante a minha última estadia em Portugal relatei-me com um dos poucos auxiliares secretos do ministro — que continuava ao seu serviço com temor... de lhe suceder o que tem sucedido a outros — e cujo nome não publico para que ele não sofra as dolorosas consequências da confiança que depositou em mim. Ah! se eles soubessem que eu possuía a chave do segrêdo da estátua de D. José — antes de passar as fronteiras teria... desaparecido!

«O ministro, apesar do poderio que exerce sobre o monarca, não perde nunca a oportunidade de o bajular. A ideia dessa consagração para além dos séculos que foi a do monumento, prova-o bem. O Marquês de Pombal gizou-a ao principiar a reedificação de Lisboa — após o terramoto. O primeiro projecto foi feito pelo capitão de engenheiros Eugénio dos Santos Carvalho — mas o ministro recusou-o, não se sabe o motivo. Outros projectos se seguiram e, após um demorado estudo em que o marquês obrigava os seus «fiéis» a estranhas investigações exteriores..., sobretudo em redor do local onde ela se ergueu por fim, eram igualmente devolvidos aos autores. Só o do arquitecto Joaquim Machado de Castro mereceu a aprovação governamental. Colaboraram com Machado de Castro, auxiliares, Leal Garcia, Joaquim Leitão, José Elveni e Alexandre Gomes (discipulo de Grusti). O tenente coronel Bartolomeu da Costa, director do Arsenal, foi encarregado de a fundir. A sua fundição pode ser considerada uma proeza, visto que foi feita dum jacto, no dia 15 de Outubro de 1774, levando apenas 8 minutos. Mas — e é aqui que se iniciam as confidências que escutei *sur place* no dia da inauguração — o verdadeiro autor desse prodígio foi Baltazar Keller — de quem mais adiante falarei... A estátua, que tem 24 pés de altura, gastou 656 quintais de bronze. Foram necessários 83 operarios para que, durante seis meses, retocassem a obra. A elevação da estátua realizou-se no dia 20 de Maio de 1775 e a sua inauguração, entre festejos sumptuosos (a que eu assisti, como já informei), foi a 6 de Junho, coincidindo com o aniversário de D. José — outra prova do servilismo do marquês.

«A volta da estátua cruzaram-se várias intrigas — e nunca, como neste assunto, o ministro demonstrou tão granítica teimosia, contrariando as mais legítimas explicações dos artistas, sobretudo as do autor, Machado de Castro, que caiu no desagrado do tirano, até ao extremo de lhe ser proibido presenciar a inauguração da sua obra. Mas, de todos os boatos que correram, o mais grave é aquele em que se afirmou que a teimosia



DA ESTÁTUA

REVELAÇÕES SENSACIONAIS QUE O ABADE FRANCÊS PIERRE DE ST. JUSTE PUBLICOU EM 1776 SOBRE O MISTÉRIO SUBTERRANEO DESTA ESTÁTUA E O QUE, EM 1931, CONSEGUIMOS APURAR

do encarregado de dirigir várias escavações, após o terramoto, em toda a zona que cerca o local onde a estátua se ergue. Mais: a estátua não estava para ser edificada no local onde se encontra. Foi Baltazar Keller quem o determinou; e como se estabelecesse controvérsia veio o ministro ordenar que se cumprissem as indicações de Baltazar. Além disso e em contraste com as facilidades para que toda a gente pudesse visitar as oficinas onde a estátua foi trabalhada e onde foi fundida — fez-se uma verdadeira muralha em volta do pedestal, que foi preparado e colocado por operários estrangeiros, vindos expressamente para esse fim, e que regressaram à pátria mal terminaram a obra. Quem era a única pessoa em contacto com esses operários? Baltazar Keller!

Lisboa é uma cidade minada de túneis, e se muitos deles eram conhecidos dalguns privilegiados — sobretudo dos frades dominicanos e da Santa Inquisição —, o terramoto veio revelar outros insuspetados. O segrêdo da estátua de D. José I, segundo as confidências a que já me referi, assenta precisamente em...

OS «GRÁFICOS»

Calcule o leitor o ducho gelado que foi para nós... o sermos obrigados a suspender a leitura neste ponto de culminante interesse, porque o volume cem-comprado não possuía mais páginas.

DE D. JOSÉ II

Estava incompleto! Atirámos com o volume para o fundo de uma mala — no desespero de quem se sente burlado.

Meses depois encontrámos em Barcelos um antigo condiscipulo nosso, o dr. Luiz Rosado de Magalhães. Fôra nomeado delegado para uma comarca do Sul, e antes de tomar posse quisera repousar umas semanas no Minho. Uma tarde em que nos defendíamos mutuamente da monotonia provinciana revistando a livreria de que eu me fizera acompanhar — apareceu, como que por bruxedo, a obra incompleta de Pierre St. Juste. O interesse e emoção que esta descoberta causara em Rosado de Magalhães alertou-nos. — «Há quantos anos busco eu este volume!» — declarou-nos. — «E porquê?» — quisemos saber. — «Porque posso precisamente as 150 páginas finais. Se se ajustarem a estas — poderemos construir um dos puzzles históricos mais curiosos de todos os mistérios da época pombalina.» Corremos a sua casa e após uma rápida busca foram encontradas as 150 páginas — mal unidas numa brochura grosseira. Mas — nova desilusão! O nosso volume terminava na página 128; o dele começava pela 135. Faltava-nos precisamente o trecho da revelação da estátua.

«Não percas as esperanças! — aconselhou o nosso ex-condiscipulo. — Deixa-me primeiro mostrar-te alguns detalhes mui estranhos d'este meu volume — para depois te contar como ele me veio parar às mãos. Primeiro: esta gravura em madeira representando um gráfico ou pretendendo aparentar uma topografia, mas que é apenas um apontamento feito toscamente por alguém que não sabia desenho. Pierre de St. Juste explica assim...» E leu a seguinte prosa que emoldurava a gravura: «O meu confidante sentiu-se ferido no seu amor próprio quando, terminada a revelação do seu segrêdo, notou certa incredulidade no meu semblante. E acantando-se comigo ofereceu-me um gráfico que eu reproduzo de memória.»

«Nota agora outro pormenor — prosseguiu Rosado de Magalhães. — O livro data do século XVIII e tu vês coladas à pagina duas pequenas fotografias recortadas, uma representando a estátua entre o Arco da Rua Augusta — pelo que se conclue que foram sobrepostas há pouco tempo por uma das pessoas que possuiram este meio volume antes de mim. Sem essas «fotos» ilucidativas difficilmente se decifrava o significado desta pseudo topografia; mas graças a elas temos dois pontos de partida. O gráfico divide-se em dois. A direita desenha o Terreiro do Paço e marca várias setas — túneis subterrâneos talvez —, um que vem da esquerda, onde está a Rua do Arsenal, outro de onde se ergueu o Arco da Rua Augusta, e onde colaram uma das fotografias, e um terceiro que desemboca no cais. Os três irradiam ou vão ter ao local da estátua. A esquerda, graças à «foto» da estátua, depreende-se que pretenderam reproduzir uma série de subterrâneos sobrepostos, iniciada por uma espécie de poço aberto sob a estátua. Esse poço conduz a um recinto onde cavaram novo alçapão; e este, por meio de uma escada, a outro recinto onde desembocam os vários túneis apontados à direita. Além disso, ao tracejarem essas escadas e túneis,

registaram as alturas, as distâncias e os ziguezagues do terreno... Será este apenas o segrêdo da estátua a que se refere Pierre de St. Juste? Mais adiante, colada numa folha branca, aparece outra fotografia — que não pode datar da época da edição visto que não fôra ainda inventada a máquina fotográfica. Representa uma escadaria subterrânea. Está relacionada com as revelações do gráfico? Neste caso, alguém, recentemente, e munido de um kodak, percorreu esses caminhos misteriosos que irradiam da estátua!

«Vamos ver agora quem foi que me emprestou esse volume. Quando estudava em Lisboa, depois de um conflito que me afastou de Coimbra, hospedei-me numa pensão modesta da Rua Pascoal de Melo. Nessa pensão vivia um jovem de aspecto curioso, muito metido consigo e que só intervinha nas conversas para nos surpreender com raciocínios ou afirmações diabólicas. Não sei porquê, engraçou comigo e começámos a visitar-nos nos respectivos quartos. Mostrei-lhe os meus livros e ele os seus. Uma noite, exibindo-me uma velha pasta preta de papelada, disse-me: «Estes documentos têm quasi dois séculos e pertenceram ao bisavô de meu pai! Se um dia os publicasse caía o Carmo e a Trindade. Se lhe interessassem mistérios históricos — emprestava-lhe esta papelada! Para começar — leia este livro. Não está completo mas tem referências intrigantes a respeito de Portugal.» Levei o livro mas só muito mais tarde o abri. Fiquei como tu *aguado de curiosidade*. Quando quis pedir explicações ao rapaz que mo cedera — já ele tinha partido para o Brasil! E sabes como se chamava esse moço? Mário Keller... neto de Baltazar Keller, o escavador das ruínas de Lisboa, após o terramoto; o homem de confiança de Pombal; o dirigente da fundição da estátua e da edificação do pedestal!»

Lutámos durante meses — nós e Rosado de Magalhães — para iluminar completamente a enigma. Pierre de St. Juste explicara os manejos de Pombal dizendo que ele «não só pretendia defender melhor o futuro mal agoiado como alargar o seu poderio» Como? Que relação podia existir entre uma coisa e outra? Buscámos descobrir o endereço de Mário Keller. Tudo inútil! Desanimados, desiludidos — abandonámos a empresa.

E O MISTÉRIO CONTINUA DENSO E INVENCÍVEL...

Aquela carta de apresentação de Mário Keller era uma esperança! Vimos a data... Estava da-

(Conclue na pag. 13)



A fotografia duma escada subterrânea encontrada no 2.º volume de «Les mystères des Villes»

Bandidos das grandes capitais



Combatendo os bandidos em plena rua.

Os bandidos modernos, da América principalmente, dispõem de meios de combate tão aperfeiçoados como as melhores polícias do mundo. Manejam os gases lacrimogénios ou asfixian-

assombraria os Estados Maiores das mais aguerridas nações.

O Detective X, que começará a publicar-se brevemente e para o qual todos os dias se inscrevem assinantes, ocu-

tes, carabinas, espingardas, pistolas e metralhadoras. Al Capone, que formou na América um verdadeiro Estado de banditismo, até tem o seu ministro da Guerra, que movimentava nas ruas de Chicago um verdadeiro exército.

Travam-se combates dentro da cidade com uma tática, uma estratégia, uma ciência guerreira que

par-se-á detalhadamente da organização guerreira dos bandidos americanos, sobre a qual possui informes interessantíssimos e uma documentação fotográfica de que não podem dispor os outros jornais da mesma natureza.

O Detective X será o jornal melhor informado em assuntos criminais e a sua leitura será útil às próprias autoridades que têm a seu cargo a repressão do crime.

Inscrevam-se, pois, na lista de assinantes do Detective X.

sério e saberá defender-me!» Tomei o papel tão a peito que meia hora depois de passarmos em Lisboa... interveio a Polícia porque preguei dois sócos num cavalheiro que ousara manobrar as pálpebras quando passava com ela. No regresso a bordo fomos juntamente com os passageiros que embarcavam aqui... Entre estes havia um grupo de quatro cavalheiros. Tive a vaga e efêmera impressão de que Mercedes ao reparar nesse grupo ficara nervosa, como que assustada. Cheguei mesmo a perguntar-lhe o que tinha. Que não era nada! Descansei. Ao terceiro dia de Atlântico e ao passar pelo corredor onde estava o seu bêliche, sou alarmado por uma espécie de guincho alfitivo. Numa talvez precipitada suspeita, abro a porta e vejo Mercedes, cercada pelo tal grupo, este ameaçando-a com pistolas, ela amarrada frente a uma mesa. Não foi preciso empregar a força para que todos me respeitassem. — «É uma chantage, uma terrível chantage que estes miseráveis querem fazer-me!» Passado o primeiro momento de confusão, foi ela própria quem me pediu para não fazer escândalo; e o mais velho do grupo, acantando-se comigo, confessa-me humildemente que se tratava de um «truc». «Foi Mercedes quem nos pagou para fazer tudo isto.» E detalhando, explicou-me que ela pretendia encarnar o papel de mártir para que eu, defendendo-a contra uns supostos bandidos, senhores dum terrível segredo de família (forma de conseguir que eu não desse parte, como não dei...), me aproximasse... me apaixonasse... e a deixasse desembarcar em New-York, onde ia com o objectivo de exercer certos negócios proibidos e onde, sem a protecção de alguém de bordo, não poderia desembarcar. Escusado será dizer que se não procedi contra nenhum deles tão pouco tornei a dar uma palavra a Mercedes, apesar dela me haver ludibriado até ao extremo de... de sentir algo de inédito por ela — isso a que vocês, os literatos, chamam amor. Levei

(Continua na pag. 13)

Boémia cosmopolita de Lisboa

O defensor da rapariga honesta

O nosso estranho informador que no passado número tão interessantes revelações nos fez sobre episódios da boémia cosmopolita de Lisboa continua a recordar-nos dramas e aventuras bem curiosas.

Com um fulgor de alegria nos olhos escuros, perguntou-nos há dias, de chofre, a uma mesa do «Royal»:

— Sabem de quem tive notícias há pouco tempo? Do Jean Lacroix.

Jean Lacroix! Este nome que há mais de quinze anos não acudia à nossa memória ressurgiu tão aparentado com a nossa vida como se o tivéssemos deixado na véspera! Comissário do vapor

«Nápoles», da «Société Maritime Française», de Marselha, era dos nossos copalns todas as vezes que desembarcava em Lisboa. Fazia a carreira de Marselha-Barcelona-Lisboa-New-York. Bretão e, como tal, um pouco peludo — ocultava, sob uma carranca de déspota, uma alma diamantina. Num desses desembarques fomos encontrá-lo no «Royal» — sombrio, triste, mais repentista nos disparates do que nunca. Investigámos a causa da sua atitude. Ele abriu-se sem reservas, contando-nos a sua máxima aventura de marinheiro: «Vocês recordam-se, na viagem de ida, de dizer-lhes que tinha embarcado em Barcelona a mais linda rapariga deste mundo? Mercedes Aguilar! Que pureza de feições! Que deslumbramento! Que beleza e castidade! Virgem de altos vestidos à moderna! Recordam-se de que ela, quando chegámos a Lisboa, me pedira para acompanhá-la a terra. — «Vou para a América ter com meu pai e é a primeira vez que viajo. Não tolero que me faltem ao respeito! Prefiro uma vida de recolhimento a suportar insolências. É uma questão de feitiço. Por isso lhe pedi para me acompanhar. O senhor é um homem

A tragédia de Montenegro

(Continuação da pag. 6)

dre do granito do exército prusso-austriaco? Que nos importava? Lutámos — lutámos até os sérvios recuarem, porque foram eles e não nós quem recuou primeiro! A minha família pertencia à corte. Foi estudara escultura em Roma por desejo do rei: visto que em Montenegro não existiam escultores e a sua história transbordava de glórias dignas do mármore imortal. Regressara havia pouco tempo de Itália — casara-me, e no meu lar floriam dois bebês... Acompanhei o rei... Minha pobre mulher... era montenegrina! Chorou — mas não quis perturbar-me no meu dever! Eu sou escultor — essa cena ficou esculpida no meu coração como num bloco de pedra vermelha... Beijei-os! Parti! Já lá vão dezasseis anos! Nunca mais tornei a beijá-los nem a vê-los! Nunca mais! A mim — não me deixaram entrar nunca mais na minha pátria! A eles... Olhe... Minha pobre mulher morreu pouco depois — quando os gendarmes sérvios lhe assaltaram e incendiaram a casa! Dos meus filhos — o senhor é pai e pode medir a minha dor — dos meus filhos nunca mais tive notícias... Ninguém me sabe dizer onde estão... o que fizeram deles. As minhas cartas e as cartas que me escreveram são destruídas pelo gabinete negro de Belgrado! Meus pobres filhos! Deixei-os de berço ainda... Hoje, um deles — a menina — deve ter 18 anos; ele... uns dezasseis! Que horror, o que asfixia recordá-los e não saber onde estão, o que fazem, o que sofrem — nem quando os encontrarei!

Yanko Brayovitch moldou a sua máscara no gesso do seu martírio — e o seu sorriso, que lhe pertence, não se agrava nem se dissipa: permanece, crispando-lhe os lábios, como num tic. E continua: «Lutámos sempre! Quando a guerra terminou, quando o exército — que era todo o povo montenegrino válido — e o seu rei quiseram regressar à pátria, a pátria tinha sido escamoteada! A Sérvia, o imperialismo sérvio, inventara uma assembleia de montenegrinos em Cettigne... que estava deshabitada, na qual o povo, que estava ausente na grande batalha, se lhe entregou de braços abertos... A mesma mentira fôra repetida com os macedônios, com os croatas, com todos os povos que o imperialismo sérvio cubicava... As

potências, bajuladas pelos salamaleques hipócritas do Rei Alexandre — filho do assassino do Rei Milan e da Rainha Draga irmão do assassino de vários creados em noites de embriaguez, pelo qual foi condenado a pena perpétua, — ratificaram o furto geográfico. O Rei Nicolas protestou e morreu de tristeza, aos 80 anos — 80 anos robustos e viris! Ficamos nós — os montenegrinos exilados e dispersos, sem outros recursos do que os da nossa pobreza errante — lutando sempre, sem resignação possível, pela liberdade da nossa pátria. E' tão pequeno, tão glorioso, tão nobre, tão honrado o povo montenegrino! Que mal fazia êle à política internacional? Então os povos pequenos não têm o mesmo direito à vida do que os grandes? Então um crime, uma injustiça praticada num pigmeu não é igual à praticada num gigante — ou as leis atendem apenas às dimensões das vítimas, só estabelecendo penalidades quando estas passam duma determinada altura física?

«Eu, como tantos montenegrinos, não paro, não sossego, não abdicco! Como sou artista, percorro o mundo esculpindo os meus bustos, as minhas estátuas, e fazendo, com eles, a propaganda da minha pátria martirizada. Ofereci um Cristo — símbolo da Justiça — à Sociedade das Nações, um Cristo novo, um Cristo como não lóra até hoje interpretado e que foi Montenegro quem me inspirou. Em Cuba fiz o busto de Martí, o libertador, que offertei ao governo. Na Califórnia moldei um chefe índiu, um pele vermelha, um escravo com ânsia de liberdade... Na América assisti e intervim no célebre pleito da «Viuva Alegre». Ignora êste *affaire*? Eu lhe conto... Como sabe, um dos filhos do Rei Nicolas — o príncipe Danilo — foi, como muitos herdeiros reais, como Eduardo VII, por exemplo, um *parisense* estilizado. Queimou a sua juventude em Paris. *Maxim's*, o *rendez-vous* dos gran-duques, adorava-o. Um comediôgrafo escreveu um texto teatral alegre, mas não ofensivo, para que Franz Lehar lhe fizesse a música — e, assim, a mocidade de Danilo nasceu a mais célebre opereta moderna — «A Viuva Alegre»... Isso foi antes da guerra; nós éramos livres, respeitadas e felizes — e não nos vexámos com a fantasia dessa opereta. Mas eis que, há pouco tempo, a «Metro», um dos *través* cinematográficos de Hollywood, aproveita êsse título para fazer, graças a

dinheiro sérvio, um filme caluniador, em que surge o príncipe Danilo como um devasso, o irmão como criminoso, o pobre Rei Nicolas e a esposa, os monarcas mais bondosos e mais honrados do mundo, numa caricatura odiosa e humilhante. Todos os montenegrinos espalhados pela terra protestaram e conseguiram não só que a «Metro» pagasse uma quantiosa indemnização como também que fosse proibida em todo o mundo a exibição dessa fita! Por cada país, por cada cidade da América que eu passei, deixei uma obra minha em mármore e uma indignação na alma colectiva pela infâmia que a nossa pátria sofreu! De regresso à Europa, desembarquei em Londres. Fui logo cercado por agentes diplomáticos vários que me ofere-

ceram milhares de libras, honras, condecorações, se eu abandonasse a minha missão e me integrasse no novo império. «Vocês ofereceram-me dinheiro... Para que o quero eu se sou riquíssimo visto que tenho a razão pelo meu lado? — respondi-lhes eu. — Oferecem-me tudo quanto eu lhes pedir — e eu só lhes peço uma coisa, muito simples, e farei tudo o que quiserem!» — «E o que pede V.?» — «Peço a liberdade desse país-meuino, desse país velhinho que é Montenegro!» Desistiram de subornar-me — mas eu não desisti da minha missão. Nunca viera a Portugal. Falaram-me de si e do seu fanatismo pela nossa causa. Contaram-me o episódio de Paris, as entrevistas que tive com o Rei Nicolas e com o futuro rei Alexandre, da cena de pugilato que tive com os jornalistas sérvios, da condecoração que Montenegro lhe deu. Eis porque vim até Portugal!

R. X

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

Se os tribunais fôsem constituídos por divindades e não por homens de leis, cuja missão é encerrar os factos através de lupa terrena e imperfeita dos interesses humanos, o homem que os códigos inflexíveis atingiram há dias teria sido glorificado.

Até a nossa dor bem compreensível, da nossa mágoa por nos vermos privados algum tempo da convivência salutar de uma pessoa que nesta tribuna sempre soube resistir galhardamente às tentações do subórno e da ignominia; através da nuvem densa, tenebrosa, do nosso pesar, passa penetrante e irresistível a réstia luminosa do nosso orgulho, da nossa honestidade profissional, que nem a calúnia derubou nem os rectos julgadores, um só momento, puseram em dúvida.

Os vilões, os criminosos, que pensavam que os acontecimentos alheios à nossa vontade, acobardando-nos, nos venderiam, nos amadorariam, bem podem apagar dos lábios o sorriso do seu efêmero triunfo, porque o Reporter X continuará, mais firme do que nunca, a ser o baluarte das grandes causas, o intemerato combatente contra a imoralidade e o crime. O coração poderá estar ferido — mas a consciência mantém-se intacta. Não seguimos a moral de Frei Tomaz. Os que alguma vez o pensaram e nos atacaram julgando-nos rojados na lama, ver-nos-ão ressurgir de dentro da nossa dor, brandindo o gládio da Verdade — mesmo que êsse gládio nos fira na própria carne.

E se alguém mais céptico, mais contaminado pela descrença na virtude alheia, se julgar no direito de nos apontar faltas ou erros condenáveis, nós que escrevemos e o Director que entusiasticamente nos aprova, abrir-lhe-emos de par em par as colunas deste semanário — como se abrissemos as portas de um tribunal — para aqui, na nossa cara, leal e destemidamente, nos acusarem.

Venham as acusações, de frente, sem vacilar — porque de boa vontade nos sentaremos no banco dos réus ante o tribunal da opinião pública. Só quem tem culpas teme ser julgado. Nós temos a consciência tranqüilla — não receamos os acusadores.

MÁRIO DOMINGUES

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GENEROSIDADE...



Êle: — Dei-lhe meio tostão falso...

Ela: — Porque não lhe deste antes dez tostões?...

BAIRROS

do crime, do mistério e da miséria

(Continuação da pag. 4)

— a mais miserável feira que vi até hoje. Por toda a parte se amalgamavam os objectos mais diversos, sendo os mais luxuosos dignos do mais sórdido adelo da nossa Alfama... Cada posto de venda era iluminado por uma lanterna e guardado por negociantes esfarrapados. «E' o mercado... dos pequenos *pickpockets* — explicou-me o velho. — Trabalham durante o dia e entregam os objectos roubados a estes intermediários. E' a forma de cobrarem imediatamente o produto... do seu trabalho. Estes, por sua vez, seguros de que a Polícia nunca avança até este *square* (se ela fosse avistada a 500 metros daqui eles recebiam rápido aviso), expõem o seu *bric-à-brac* agoniado e aguardam os lances dos compradores mais endinheirados.

O outro espectáculo liga-se ao final do *raid*. Avistava-se já o Tamisa — naquele velho cais hoje desprezado onde Victor Hugo *misencenou* alguns capítulos do «Homem que ri». Contou-me o velho, apontando-me para a arcaria da ponte; — Diz a tradição de Whitechapel que estas colunas são ócas e que nela habitam os «ases» do banditismo. Lenda ou não lenda — a verdade é que há anos descobriu-se um alçapão na ponte; e descendo por ele encontraram-se vários cubículos sobrepostos e três cadáveres putrefactos! O que é verdade é que esses nichos que o senhor vê aqui abrigam, no inverno, os mais miseráveis homens de Londres, os mendigos mais nus, mais esfomeados da terra. A neve cai — e eles ofertam a própria carne ao frio, por entre a malha larguíssima dos seus andrajos.

Era aqui que antigamente despontava o luxo — não da cidade, mas do bairro. Se este bairro é de fome e de miséria — calcule o que será o seu luxo... Pois bem... Alta madrugada, esses miseráveis quasi nós saiam dos nichos e iam arrancar aos caixotes o seu alimento: cascas de frutas... que já eram pódres quando descascadas, restos de comida de mesa de esfomeados. E mesmo assim degladiavam-se na conquista desses restos dos *restos humanos* de Londres. Por mais de uma vez foram encontrados cadáveres desses desgraçados — abatidos pelos irmãos do Destino na luta pelos escrementos que para eles representavam banquetes de Baltazar!»

Estranho homem este, que sabia descrever, e nestes termos, os mistérios de Whitechapel. E repetia

ritmicamente: «Que pena não tornar a vê-lo!» Quis-me acompanhar até WorsSquare. Depois... hesitando, abriu uma excepção, veio comigo até à embocadura de Commercial Street. Eram duas da manhã. Conservou muito tempo a minha mão entre as suas, fitando-me. O seu olhar tinha algo de vitreo — dir-se-ia que ambas as órbitas estavam recheadas de bolas de loiça! Por fim, e após uma longa busca nos bolsos imensos, entregou-me um cartão. «Dê-me a sua palavra de honra que só verá o

que êle contém daqui a dez minutos. Antes não! Se um dia, ao passar por Paris, encontrar *essa pessoa* conte-lhe... conte-lhe o que se passou hoje. E adeus! Adeus para sempre. Nunca mais nos veremos.»

— Porque não havemos de nos tornar a ver? — indaguei. — Quem lhe diz a si que eu amanhã não volte a Whitechapel.

— Demasiado tarde!

— E porquê?

— Porque amanhã é 15 de Novembro de 1930 e faz 36 anos...

Partiu, sem me dar tempo de replicar. Cumprí a promessa feita. E quando, dez minutos depois, ardendo em impaciência, contemplei o cartão que me dera, vi apenas a fotografia de um moço trajando a farda de oficial da marinha francesa. Quem era? Que queria êle dizer na sua? Enigmas dos «Bairros do Mistério, da Miséria e do Crime»...

REPORTER X

As nossas reportagens

Ainda os «Ratos do Parque Mayer»

QUEM É O «FANTASMA» QUE NÓS REVELAMOS

DAS últimas reportagens que publicámos e que alcançaram o maior êxito — devemos destacar a de os «Ratos do Parque Mayer» e a da «Dama de branco do elevador de Santa Justa». Estes dois artigos provocaram vários comentários, denúncias e revelações espontâneas — algumas das quais verdadeiras curiosidades. O Ex.^{mo} Sr. Reis do Carmo, antigo jornalista e hoje comerciante na cidade do Porto, escreveu-nos a seguinte carta: «Sr. Redactor: — Li com a maior atenção a sua sensacional reportagem sobre o Parque Mayer, que conheço pessoalmente porque, há anos, e antes de outros pensarem organizar ali um parque de diversões, tentei-o fazer de sociedade com o saudoso Pinto Chaves. Posso, não só por esse motivo mas também por uma série de circunstâncias, inúteis de revelar, esclarecer um pouco esse mistério. Recordo-se V. de um dos primeiros jejuadores que estiveram em Portugal — o espanhol ou argentino Lucas Saavedra, que usava o pseudónimo de «El Rey de la Hambre»? Em redor desse cavalheiro contam-se histórias tenebrosas, atribuindo-se-lhe várias proezas praticadas

lá fóra... e cá dentro. O que sei é que, pouco depois de se exibir no velho «Music-Hall» dos Restauradores, houve ordem de prisão contra êle, dada pela policia italiana. Desapareceu como que por encanto — e com êle duas donzelas: uma da boa sociedade e outra... creada ao serviço de um palacete nas vizinhanças do Parque Mayer.

«Durante muito tempo, quando apareciam na Policia certas queixas — os reporteres do Governo Civil diziam: «Isto parece trabalho do «Rey de la Hambre». Conistou também que êle vivia numa barraca montada em certo quintal, para as bandas do Salitre. Era verdade? Era mentira? Lucas Saavedra, cujo fisico monstruoso, devido a ter-se queimado com petróleo, recorda o «Fantôme de l'Opera», é inteligentissimo, enérgico, fantástico mesmo como chefe e como exectante de proezas..... Tenho motivos para afirmar que é êle o «Rato» do Parque Mayer. Seu af., etc., *Reis do Carmo*».

Discutindo, com demasiado nervosismo, a nossa reportagem, certos frequentadores do Parque quiseram decifrar charadas no relativo às personagens da crónica — mas equivocaram-se. Nem por coincidência... Pretenderam também envolver o nome saudoso de um artista técnico teatral daquele parque, recentemente falecido, mas a pessoa que nós evocámos era muito outra. Que não haja confusões... A quem servir a carapuça — está bem. Aos outros — não.

Metais

Ferramentas

Rua do Loureiro, 86-92
TELEFONE, 434—PORTO



GOMES DA SILVA, L. DA
ESPECIALISTAS

Balanças

Artigos para a Industria

Boémia cosmopolita de Lisboa

(Continuação da pag. 10)

a minha generosidade até ao extremo de conseguir que ela desembarcasse sem incómodos. E desembarcou! Várias vezes tentou falar-me a bordo: recusei-me todas elas. Tentou agradecer-me ao abandonar o navio: recusei-me! É uma aventura sem importância — mas apoucou-me pela desilusão que me trouxe." Ele estava, de facto, impressionado.

Parecia outro homem. Nunca mais nos referimos ao «caso». E já lá vão quinze anos — e há dez que não o vemos.

— Pois bem! — prossegue o nosso amigo. — Também estive muito tempo sem ter notícias de Lacroix! Recebi-as há poucas semanas. Vive no Canadá — em St. Meloc — casado e com cinco filhos. Se casou? Casou! E casou com Mercedes! E conta-me a história. Havia de facto uma *chantage*. O pai dela, vítima de uma cilada, fugira de Espanha. Ela quisera emigrar também. Ia com ela... numa mala do beliche! Aquele grupo queria obrigá-la a assinar o documento de desistência da herança materna — mas ignorava a fuga do pai. Ela aproveitara aquela infâmia... para salvar o pai. E conseguiu-o — porque o comissário, por nobreza (a nobreza nestes capítulos quer dizer que se está pelo beijo...), fez com que a mala desembarcasse em New-York sem ser aberta. Na viagem seguinte, Mercedes provou a sua inocência — contando a verdade; e éle, acreditando — e *casando* —, teve a prova de que ela não mentia. Abandonou a Marinha e fixou-se na América. Eis como acabou essa aventura..."

F i t a s

(Continuação da pag. 7)

tanta organização, tanto trabalho como dantes um filme inteiro. O filme «Os 4 de infantaria» tinha 8.755 cenas — ou seja 8.755 vezes as máquinas de *prise-de-vues* e os aparelhos luminosos mudaram de sítio. Assim como antigamente a máquina ficava fixa e todos os artistas e cenários se lhe ofereciam — agora a técnica exige que a máquina se mova, ande atrás dos cenários e dos artistas, acompanhando-os. Para o conseguir, os realizadores não hesitam ante qualquer dificuldade ou gasto. Para se filmar o «Nada de novo na frente ocidental» construíram-se aparelhos gigantescos, guindastes inverosímeis, *camions* enormes. A própria indústria francesa, sendo a mais modesta de todas, já não hesita nesses gastos. Viram a deliciosa comédia de René Clair — «Sob os telhados de Paris»? Julgam que o seu realizador se contentou em aproveitar os telhados existentes? Isso sim... Edificaram à volta do *studio* de Joinville 38 telhados cenográficos erguidos a uma altura de 30 metros do solo; e como o grande *truc* do filme era a máquina percorrer a «paisagem» desses telhados e vir descendo, depois, até focar uma cena de rua — rua também cenográfica —, construíram uma prancha inclinada como as das «montanhas russas», do «water-chut» ou das «glissagens»; colocaram-lhe *rails*, e aplicaram-lhe uma *wagonnette*. O operador e o realizador, sentados nessa *wagonnette* filmavam os telhados em *panorâmica*; a seguir, trilhando um apito, os operários largavam as cordas e a *wagonnette* descia velozmente a prancha, duma altura de 30 metros, sem que o operador deixasse de ir filmando até estacar na *cena da rua* que os artistas estavam representando cá em baixo.

Se fôssem propor, em 1912, a um *metteur-en-scène* da «Nordisk» ou da «Cines» uma inovação como esta — o pobre homem enlouqueceria.

(Trechos do livro *A história completa do cinema* (desde o seu início até aos nossos dias), em preparação)

X.

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

Reporter X

Este jornal mudou a sua Redacção e Administração para a Rua do Alecrim, n.º 61, nesta cidade, para onde deve ser enviada toda a correspondência e onde se tratam todos os assuntos de natureza redaccional e administrativa.

O segrêdo da estátua de D. José I

(Continuação da pag. 9)

tada de há quasi um mês. Interrogámos os contínuos: o portador daquela carta viera várias vezes procurar-nos e nós não o recebêramos. Depois de novas buscas encontrámos um cartão de visita: *Mário Keller cumprimenta V. Ex.ª e não podendo voltar aqui pede-lhe para marcar uma entrevista, telefonando-lhe para o Hotel das Duas Nações*. Corremos ao telefone... «O sr. Mário Keller? Partiu há mais de 15 dias para o estrangeiro... Para onde? Não sabemos... Não nos deixou endereço...»

Tivemos a chave, o segrêdo, nas mãos e deixámo-lo voar! E o mistério continua denso, inventível...

R. X.

«Novela Vermelha»

Safu há dias o primeiro número desta publicação, que se apresenta sob um bom aspecto gráfico e que é da autoria do sr. José de Lemos.

É posto à venda hoje o 2.º número da «Novela Vermelha», de que é autor o nosso camarada de redacção Idílio Ferreira, e que se intitula «A Vingança do Mendigo».

A' nova publicação desejamos longa vida e muitas prosperidades.

AZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4697 — PORTO

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENVOLVIDA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!



Um troca-tintas que veste a pele de homem de bem



Apresentação dos combatentes — Thompson contra Constant le Marin — A distância que vai da Suécia à Ilha do Príncipe — Em pleno 'ring' — Fiat electrolux — e a luz fez-se... — Afirma-se e prova-se — A espionagem de guerra — Os pretos portugueses — Importação e exportação.

O senhor Emílio Personne é um sujeito louro, de nacionalidade sueca — segundo ele próprio afirma; nós somos portugueses, nascido sob o sol dardejante do Equador, e ostentamos orgulhosamente uma epiderme negra como as bandeiras de revolta contra o Crime e a Injustiça. Ele mede, pelo menos, um metro e oitenta e cinco de altura, é membrudo e largo de ombros. Nós apresentamos um aspecto franzino, nervoso, e medimos simplesmente um metro e setenta, uma ninharia à vista da sua corpulência. São estas as diferenças essenciais, no aspecto físico. Do moral, a oposição é infinitamente maior. O sr. Personne é considerado por quasi toda a gente que o conhece intimamente um troca-tintas; nós não queremos fazer elogios à nossa própria pessoa porque nos ficaria mal, mas podemos, no entanto, afirmar que entre a sua moral e a nossa vai uma distância tão grande como da gélida Suécia à tórrida Ilha do Príncipe, onde este, que está escrevendo, viu a luz do dia há trinta e dois anos. Estão postos, face a face, no mesmo ring de luta os dois adversários, como no Coliseu o Thompson negro contra Constant le Marin, belga e imponente.

Está feita a apresentação inicial da luta; já sou o apito do juiz; os espectadores enervam-se com tantos preâmbulos. Vamos, portanto, a isto, que se faz tarde.

O sr. Emílio Oscar Personne, director da «Electrolux», Ld.^a, Rua Mousinho da Silveira, 34, veio declarar nas gazetas diárias de grande circulação que nós, Reporter X, o havíamos caluniado num artigo e, por esse motivo, chamaria o autor ou autores do referido artigo a provar ante os tribunais competentes as suas afirmações. O sr. Personne fazia a quella declaração nos jornais apenas para elucidação das pessoas que não o conheciam. Era, na verdade, bem necessária aquela declaração pomposa para atordoar quem não o conhecesse, porque aqueles que o conhecem não se convencem com meia dúzia de palavras pagas a tanto por linha nos jornais. Os que o conhecem, sabem perfeitamente que o autor ou autores do aludido artigo não mentem.

O autor ou autores a que a declaração se refere é este vosso creado, que assinou o primeiro e benevolente piparote no sr. Personne com as iniciais — M. D.. Hoje, porém, como o caso implica responsabilidades maiores e o autor nunca as temeu nem as temerá, assina por extenso: Mário Domingues.

Resumamos agora as acusações feitas no artigo que indignou o sr. Personne — palavra francesa que significa *Ninguém* —, em poucas linhas para não fatigar o leitor. Escrevemos:

1.º Que o sr. Emílio Personne fizera espionagem durante a Grande Guerra em favor da Alemanha;

2.º Que gastara indevidamente a um seu ex-empregado a quantia de dois mil escudos;

3.º Que emitia constantemente cheques sem cobertura;

4.º Que empregava estrangeiros em detrimento dos portugueses.

Nós não costumamos fazer afirmações que não possamos provar. Os nossos inimigos é que espalham essas atoardas em contrário. Portanto, antes de mais considerações, que a muitos poderiam parecer retórica balofa, vamos às provas.

1.º Que exerceu espionagem durante a guerra. Leiam agora esta declaração, idêntica a outras que temos em nosso poder assinadas e reconhecidas por tabelião:

Declaro, por ser verdade, que o sr. Emílio Oscar Personne, numa das conversas particulares que comigo teve fóra de Lisboa, em Coimbra, me declarou, para assim demonstrar que era uma pessoa astuciosa, que durante a Grande Guerra exercera espionagem contra os Aliados, tendo sido portador de documentos importantíssimos, salvo erro, da Alemanha para Espanha, sendo-lhe enviada na sua pista uma linda mulher, a fim-de procurar obter os ditos documentos, nada conseguindo por o referido sr. Personne ser muito mais astucioso do que ela.

O sr. Personne também acrescentou que não tinha sido incomodado pela Polícia Internacional por ser sueco.

(a) FLÁVIO REIS

No primeiro artigo de acusação — acusação que a defesa dos interesses e do brio nacionais — dizíamos que gastara indevidamente dois mil es-



O nosso redactor saindo da séde da «Electrolux», Ld.^a, onde foi investigar.

cudos do seu empregado sr. Rosa Gomes. Confirmamos o cas com pormenores.

Um parente do sr. Henrique Rosa da Silva Gomes — é este o nome completo do referido empregado — procurou este no escritório da «Electrolux», Ld.^a, para lhe fazer entrega da aludida quantia; não encontrou o sr. Rosa Gomes, mas — por infelicidade — defrontou-se com o sr. Personne, que mal lhe cheirou a dinheiro se desfez em amabiidades, dizendo ao portador da quantia que a depositasse na sua casa — acreditadíssima — que ele, Personne, por sua vez a entregaria a Henrique Rosa Gomes. Assim se fez. Mas Rosa Gomes, para obter o dinheiro, snou, resignando-se a salvar o que era seu em vis fracções, sofrendo transtornos fáceis de calcular. Se o sr. Personne quizer, na altura em que fomos julgados por *calunhadores*, o sr. Henrique Rosa Gomes explicará esta transacção tim-tim por tim-tim. E' muito divertida.

O nosso espaço é pouco e não podemos gastar muita cera com ruins defuntos. No entanto, como a curiosidade pública é imperiosa, vamos rematar esta primeira sessão de luta com um golpe assixiante — um golpe que nem Orilo nem Thompson seriam capazes de inventar —, para deixar o adversário estendido aguardando a sessão do próximo sábado, que promete ser movimentada. Guardaremos, portanto, para a futura sessão dois golpes mortais — os cheques sem cobertura e o emprégo abusivo de estrangeiros. Por agora basta a rasteira do seu desprezo pelos portugueses.

Dissemos que o sr. Personne afirmára que os portugueses eram pessoas venais, tímidas, como pretos selvagens, ante os estrangeiros. Dissémo-lo e provamo-lo. Leiam:

Declaro, por ser verdade, ter ouvido ao sr. Júlio Nascimento, empregado da «Electrolux», Ld.^a, e morador na Rua Correia Teles, n.º 36, 1.º, Esq.^a, que o seu Gerente, Emílio Oscar Personne, morador na Rua Mousinho da Silveira, 34, de nacionalidade sueca, disse, quando aquele empregado o preveniu de que não podia admitir empregados de nacionalidade estrangeira, como tem feito depois da publicação do decreto que tal proíbe, que não tinha importância, que os portugueses são pessoas muito venais e que além disso o Cônsul Geral da Suecia em Madrid, que é pessoa muito sua amiga, tem grande influência em Portugal.

Lisboa, 10 de Março de 1931.

a) JOSÉ G. S. TAINHA

O leitor é português? Associe-se a esse guarda-napo. «Os portugueses são pessoas muito venais» e o Consul Geral da Suecia em Madrid, lá de Espanha, como se isto fosse uma colónia espanhola, caso as traições à lei portuguesa praticadas pelo sr. Personne fôsem muito descaradas, deitaria o seu ukase indiscutível e nós — pretos, tímidos, selvagens, covardes —, encolhidos de terror, levaríamos o sr. Personne — que deve pesar como burro — em triunfo nos nossos braços débeis.

Parece, afinal, que o sr. Emílio Oscar Personne, proveniente da mesma Suécia de onde vem o bacalhau, encontrou pela frente um português — e preto, por sinal — capaz de, sem tratado de commercio, o permutar com o «fiel amigo», remetendo-o à proveniência — se na Suecia, que é um país civilizado, o quiserem aceitar.

Sabe-se lá por que motivos ele está longe da sua Patria! Sabe-se lá!...

MÁRIO DOMINGUES

O segrêdo do rei da evasão

Um prodígio que Lisboa conheceu — Houdini, o homem para quem não existiam cadeias — Algemado e arremessado ao Sena — O segrêdo do degredado — Um desafio à policia de Paris — Uma morte trágico-cômica

LISBOA conheceu esse homem extraordinário, esse número sensacional de circo, há uns vinte anos, no Coliseu dos Recreios. O que o público ignorava desse homem misterioso, que conseguia realizar, à sua vista, façanhas que pareciam absolutamente impossíveis era a sua vida e a origem do seu segrêdo — um segrêdo que êle levou para o túmulo.

Era conhecido por Houdini, mas o seu verdadeiro nome era Hardeen e apareceu pela primeira vez em Paris, fazendo sortes de prestidigitação, em 1902, no *Olympia*. As sortes com cartas pouco interessavam ao grande público. O que intrigava, o que deixava o espectador mais atento absolutamente estupefacto, o que o tornou célebre em todo o mundo era a sua sorte de evasão. Era o rei da evasão.

Lançou um desafio à policia de Paris, pedindo ao Prefeito da Policia de então, o sr. Lépine, que o encerrasse num calabouço. Houdini prontificava-se a pagar 5.000 francos se não conseguisse fugir. O sr. Lépine não quis prestar-se à experiência. Outros, porém, acederam em seu lugar. E Houdini ganhou, conseguindo evadir-se.

Paris abria a boca de espanto. A fa-

ma de Houdini espalhou-se por todo o mundo e cimentou-se com as suas *tournees* por todos os circos da Europa e da América.

Em que consistia a maravilha do seu trabalho de circo? Houdini fazia-se algemar e encerrar dentro de uma grande caixa a que dava o nome de «Mala das Índias». Libertava-se das algemas e saía da caixa, ante o público assombrado, com a maior facilidade.

Mas tão ou mais curiosas do que as façanhas por êle praticadas ante o público dos circos eram as que êle fazia particularmente ante especialistas. Encerraram-no uma vez nu, e cuidadosamente revistado, dentro de uma casa. Pois, para Houdini, o corpo humano completamente nu parecia ter mais esconderijos do que vestido. Sabe-se que êle apareceu com um objecto cortante com que arrombou facilmente a porta que o privava da liberdade. Onde ocultava êle esse objecto? Mistério, que levou consigo para o túmulo.

No ano de 1909 é que o grande prestidigitador atingiu o máximo da sua glória. Algemado, arremessou-se ao Sena do alto dos telhados da Morgue, que então existia na extremidade da ilha de la Cité, e quando voltou à superfície vinha livre das algemas. Nesse mesmo ano, no *Alhambra*, deu espectáculos estranhos. Encerrava-se, manietado, numa espécie de aquario, de onde se evadia diabólicamente ao cabo de alguns minutos de esforço. Tinha um irmão, Robert Houdini, talentoso mas que nem de longe igualava o seu genio. A esse irmão revelou êle alguns segrêdos com a condição



de os destruir logo que êle morresse. Um português que conheceu Houdini de perto, em Paris, descrevia-no-lo há dias por estas palavras:

— Era um homem de mediana estatura, louro, olhos claros, atarracado e muito forte. Antes de se dedicar à arte de evasão estivera em Portugal e nas nossas colónias. «Foi um português que me ensinou o segrêdo da evasão — contou-me êle. — Conheci esse prodigioso prestidigitador em Luanda, para onde havia sido deportado por crime grave. Foi êle quem me ensinou os *trucs* que êle proprio empregava nas cadeias portuguesas, de onde se evadia constantemente. Recapturado após a sua última evasão, fôra deportado para Luanda, onde vivia em liberdade. Um dia disse-me: «Vou ensinar-te uma arte que pode ser-te útil na vida.» E como eu já trabalhava muito bem em sortes de cartas, senhor do segrêdo da evasão, decidi-me fazer carreira com trabalhos de circo.»

«A morte de Houdini — contou o nosso amável informador — revestiu-se de um quê de trágico e de cômico. Depois de uma palestra em que êle atacava o *fakirismo* ridículo e perigoso de certas exhibições de *music-hall*, orgulhando-se de ter exercido sempre honestamente, francamente, o seu *métier*, Houdini recebeu a visita de uns estudantes americanos. Conversaram. Um desses estudantes quis fornecer a prova da possível resistência física e moral à dor. E em vez de fazer a experiência em si, fê-la em Houdini, applicando-lhe um sôco formidável no ventre. Houdini morria no dia seguinte. Foi uma morte trágico-cômica de um homem que levou para o túmulo um dos segrêdos que mais intrigavam a humanidade.



NOVELA N.º 28

Quinta-feira, 20 de Agosto de 1931

**O COLAR DE
PÉROLAS NEGRAS**
(Aventuras dum «reporter»)

SENSACIONALÍSSIMO

ORIGINAL INÉDITO DE AMÉRICO FARIA

LEIAM
